

Nota de Falecimento

A *Prajna: revista de culturas orientais* registra, com profundo pesar, o falecimento do Prof. Dr. Ricardo Mário Gonçalves, monge budista, acadêmico e historiador. Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP), ali fez seu mestrado, doutorado e livre-docência, e lá lecionou de 1965 a 1995. Atuou como orientador de mestres e doutores em estudos japoneses, chineses, armênios, árabes, hebraicos e sânscritos. Foi professor nas disciplinas de História Antiga (Grécia, Roma, Oriente Médio), História do Extremo-Oriente (Índia, China e Japão), História da África, História das Religiões, Introdução à História da Franco-Maçonaria. Durante vários anos, participou dos Seminários Interdisciplinares sobre Psicologia Analítica e Religião dirigidos pela Dra. Nise da Silveira. Foi, também, pesquisador do Instituto Budista de Estudos Missionários e membro de sociedades científicas nacionais e internacionais.

Autodidata, aprendeu japonês no convívio com colegas de escola filhos de japoneses e suas famílias, na infância e adolescência. Fluente em várias línguas, dialogava em japonês com religiosos e intelectuais japoneses, além de ter conhecimentos de latim, grego, páli, chinês e sânscrito. Traduziu textos budistas do japonês e do chinês para o português e publicou vários livros e artigos em periódicos científicos e na imprensa em geral e underground. Manteve, na década de 1970, uma coluna sobre Budismo no jornal *Folha da Manhã*. Além disso, Prof. Ricardo foi tradutor dos filmes japoneses para as empresas Shōchiku e Toho, que eram exibidos nos cinemas do bairro da Liberdade na cidade de São Paulo, frequentados pela comunidade japonesa.

Esteve várias vezes no Japão e, em uma delas, viveu lá por um ano inteiro, quando teve experiências religiosas diversas. Conheceu o mundo acadêmico secular e religioso japonês e fez um mergulho profundo na experiência religiosa budista. Em 1974 relatou à *Revista Planeta* sua iniciação esotérica no Shugendō, dos Yamabushi, dirigindo-se ao topo do Monte Ōmine. Ele era um dos três ocidentais a participar, até então, desta iniciação;



os outros foram Madame Blavatsky e um europeu. Foi missionário e membro da Ordem Otani do budismo Jōdo Shinshu e fazia palestras sobre a Escola da Terra Pura no Templo Higashi Honganji, na cidade de São Paulo.

Prof. Ricardo foi um intelectual único no cenário universitário brasileiro, até há algum tempo marcado pelo desprezo pelas dimensões religiosas da existência humana. Sensível aos aspectos mais genuínos do movimento underground da segunda metade do século passado, sua adesão ao budismo se deu pelo contato e convívio com as mais respeitáveis fontes e pessoas e soube, sobretudo, conciliar suas inquietações pessoais com o exercício da coerência e da ética na pesquisa científica. Com o seu falecimento vão embora algumas das faces mais criativas do século XX.

Leila Marrach Basto de Albuquerque¹



NOTAS

1- Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e professora aposentada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Coordena o grupo de trabalho intitulado “Religião e ciência: tensão, diálogo e experimentações”. É autora, entre outros textos, do livro “Seicho-no-ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação”.

